

Onde acampar?

O sítio arqueológico RS-LN-62: Interlagos em seu contexto regional histórico e ambiental

Pedro Ignácio Schmitz¹
Ismael da Silva Raupp²

RESUMO: O sítio RS-LN-62 está localizado em Osório, litoral norte do Rio Grande do Sul. É um sítio isolado, mas de ocupação lagunar característica de outros que ocorrem no sudeste do Estado e aparenta alguma permanência de um pequeno grupo de pessoas. O material arqueológico está representado por uma pequena quantidade de cerâmica da tradição Vieira, artefatos líticos e abundantes vestígios faunísticos. Sua ocupação data de 1.430 ± 40 anos AP (Beta-285995), período de maior expansão da tradição. O objetivo do trabalho é entender a implantação do assentamento e a movimentação dos moradores na exploração do ambiente local. A metodologia usada é a análise dos remanescentes faunísticos e a sua caracterização se torna mais definida quando o colocamos no contexto de povoamento da região das lagoas litorâneas do Rio Grande do Sul, comparando sua instalação com a de outros três sítios representativos e bem estudados do mesmo sistema.

PALAVRAS-CHAVE: *tradição cerâmica Vieira; acampamento, sistema de assentamento.*

ABSTRACT: The matter of the paper is the archaeological site RS-LN-62, a fishing-collecting-hunting camp site of the Vieira ceramic tradition, on the complex of lagoons of Southeast Rio Grande do Sul. Localized in the proximity of a string of lagoons, on the north coastal plain of the federal state, the site is testimony of the tradition's maximum expansion, and is its

¹ Possui Graduação em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Cristo Rei (FACCREI), Brasil; Graduação em Geografia e História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil; Graduação em Teologia pela Pontifícia Faculdade de Filosofia e Teologia de Cristo Rei (FACCREI), Brasil; Livre-Docente em Antropologia, Doutor em Geografia e História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, Brasil. Diretor no Instituto Anchieta de Pesquisas (IAP), Brasil, de 1966 a 2009 (atualmente Coordenador da Arqueologia do IAP); Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Brasil, desde 1969; Professor Titular na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Brasil, em várias disciplinas desde 1960.

² Mestrando em Geologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Brasil. Possui graduação em História pela mesma Universidade, onde foi Bolsista de Iniciação Científica (2010-2012) junto ao Instituto Anchieta de Pesquisas - IAP/UNISINOS.

most northern site, founded when the region was uninhabited. It is a solitary encampment of a small group of persons. The aim of the paper is to understand the settlement and the movements of its dwellers exploring the local environment. The site's characterization is more comprehensive when considered in the context of the coastal lagoons peopling and in confrontation with different and better studied sites of the same system. The poor representation of osseous and rocky artifacts moved the authors to compare especially the ever abundant and well preserved food remnants.

KEY-WORDS: *Vieira ceramic tradition; camp site; settlement system.*

Introdução

A pergunta do título serve para classificar populações indígenas que, para sua subsistência, se apropriam dos recursos da natureza, manipulando-os, mas sem ainda reproduzi-los sistematicamente. Costumamos referir-nos a elas como caçadoras, caçadoras-coletoras, ou pescadoras-coletoras-caçadoras, indicando o domínio da técnica percebida nessa apropriação. Predominantemente estão constituídas em sociedades de reduzido número de membros, organizadas em base familiar e de parentesco, vivendo em assentamentos passageiros construídos com materiais perecíveis, e mantendo considerável mobilidade na apropriação dos bens necessários para a subsistência (BINFORD, 1980; FORSBERG, 1985; KELLY, 1995).

Quando esses bens da natureza apresentam certa regularidade, as sociedades que nelas vivem podem transformá-las em territórios de seu domínio, com relativa exclusão de outras sociedades de nível semelhante. Esses territórios, em atenção às técnicas usadas, à organização da sociedade e ao modo de vida desenvolvido, podem ser tratados como unidades, de nível tecnológico, social ou cultural e assim comparadas com outras entidades de nível semelhante ou diferente.

O sítio que estudamos faz parte de um território em que a antiga população indígena mantém estreita relação com as lagoas

internas da planície costeira do sudeste do Rio Grande do Sul, pautando sua subsistência pela apropriação dos bens existentes em suas águas e nos campos e bosques adjacentes.

Podemos acompanhar essa relação desde aproximadamente 2.500 anos atrás, com assentamentos junto à margem ocidental da lagoa dos Patos, no município de Rio Grande, até a instalação portuguesa, ali, na primeira metade do século XVIII. Inicialmente esta população indígena não possuía cerâmica, mas, a partir do início de nossa era, ela começa a produzir uma cerâmica simples e utilitária, composta por pequenas tigelas alisadas, que os arqueólogos denominaram de tradição cerâmica Vieira.

O modo de vida e os artefatos das populações das lagoas interiores não se confundem com os dos pescadores-coletores litorâneos, construtores de sambaquis, nem com os dos caçadores da tradição Umbu. A ligação com essa última tradição, que alguma vez se propôs, não possui base empírica. Muito menos, ainda, tem a ver com os aldeões das tradições cerâmicas Tupiguarani ou Taquara.

Populações que, para sua subsistência, se apossam dos recursos sem uma reprodução sistemática através do cultivo, podem ser divididas em 'forrageiras' ou 'coletoras' (BINFORD, 1980). Elas são classificadas como 'forrageiras' quando acampam junto ao recurso enquanto o exploram, sem terem um assentamento mais estável de referência; a referência é o território. Elas são classificadas de 'coletoras' quando têm um acampamento mais permanente a partir do qual exploram os bens do território e os trazem para ele; o acampamento central é a referência. Ele costuma estar no lugar em que os recursos são mais abundantes e estáveis, mas pode ser localizado num ponto estratégico para acesso aos bens. Na realidade os procedimentos 'forrageiro' e 'coletor' podem ser estratégias do mesmo grupo em estações diferentes do ano.

Nesse artigo fazemos o estudo de um sítio, RS-LN-62, colocando-o no contexto e comparando-o a outros três assentamentos de populações 'coletoras', ligadas às lagoas

interiores da planície costeira do Rio Grande do Sul. Para cada um deles, nos perguntamos quais as razões de o acampamento, sempre bastante estável, se encontrar localizado onde está.

1. Sítio RS-LN-62

1.1 O RS-LN-62 e seu ambiente

Localização: 29°52'50,59" S e 50°14'45,26" O, no condomínio horizontal Interlagos, na cidade de Osório (BECKER, 2008).

O sítio se constitui de um concheiro sobre baixo terraço lacustre da margem ocidental da lagoa do Peixoto, na proximidade da confluência do canal que a liga à lagoa do Marcelino. A distância para a lagoa do Peixoto e para o canal é de cerca de 93,60 m; a lagoa do Peixoto mede 3 x 1,5 km e é bastante rasa. A lagoa do Marcelino é menor, mais rasa e se está transformando em pântano. A distância do mar, em linha reta, é de 15 km.

O ambiente formado entre a íngreme encosta do planalto e as dunas litorâneas é constituído por terrenos aplanados, baixos e alagadiços, cuja homogeneidade é matizada por pequenos terraços arenosos, especialmente nas margens das lagoas. Os solos são constituídos por depósitos lagunares holocênicos, incluindo deposições e retrabalhamentos fluviais, depósitos sólidos de dunas litorâneas, turfas, deposições praias, leques aluviais e colúvios de encosta.

O clima é subtropical, com temperaturas oscilantes durante todo o ano. As chuvas são abundantes, mais intensas no período frio e na encosta do planalto.

A paisagem regional é formada, hoje, por diversos nichos, cada um deles com variadas espécies vegetais e animais. Ao tempo da instalação do assentamento, a vegetação seria menos densa e com mais campos. (BAUERMANN, BEHLING & MACEDO, 2009).

Hoje, a cobertura vegetal predominante na arenosa planície lagunar é de formações pioneiras, com gramíneas, ciperáceas, juncáceas; representantes da mata de restinga como mirtáceas, cactáceas e palmeiras. Sobre terraços mais secos já avançam da encosta do planalto os elementos típicos da Mata Atlântica. Mesmo reduzindo a escala dos representantes atuais, para uma população caçadora-coletora ainda estariam disponíveis materiais para construção de choupanas (troncos de árvores, folhas de palmeiras e juncos), e variedade de frutos, de jerivá, de butiá, de tucum, de pitanga, de araçá, de pêssego do mato, de figos nativos, de frutos de cactos e de gravatá.

Dentro deste ambiente, onde foi instalado o acampamento? Na borda ocidental da planície lagunar, distando apenas 1,3 km da encosta do planalto, mas 15 km das águas do oceano. A implantação não parece ligada a um ponto onde houvesse concentração de recursos, que provavelmente seria a praia, mas a uma posição que facilitava a movimentação do grupo.

Os bens de consumo seriam mais abundantes e acessíveis no período quente do ano, quando as plantas frutificam, os terrenos estão menos alagados e a temperatura é mais amena. Na estação fria a ocupação seria difícil. O estabelecimento de um grupo sem cultivos, nesta estação, seria viável se ele se dispusesse a viver de caça, de pesca e de coleta de produtos naturais, movimentando-se muito na paisagem e trazendo para o assentamento os bens recolhidos.

Os remanescentes faunísticos são compostos de pequenos peixes, conchas de moluscos, alguns ossos e dentes de mamíferos, ossos de aves; de vestígios da flora temos coquinhos e sementes carbonizadas de plantas da região, demonstrando uma exploração ampla e generalizada dentro de um padrão alimentar de amplo espectro.

Para lastrar as fogueiras usavam seixos e blocos de basalto vesicular. Seixos de cristalização mais regular eram transformados em 'quebra-coquinhos', alisadores, moedores; plaquetas afiladas de

basalto colunar se tornaram facas; e pigmentos vermelhos tingiram os corpos de seus mortos. Todo este material provinha da encosta basáltica do planalto, que estava próxima, ou vinha para a planície, transportado por arroios.

Os poucos fragmentos de cerâmica encontrados nos níveis indicam sua ligação cultural com a tradição Vieira.

A data, feita sobre coquinhos e sementes carbonizadas do nível 4, da quadrícula 4, é de 1.430 ± 40 AP, cal 1.390 a 1.290 anos AP, ou AD 560 a 660 (Beta-285995).

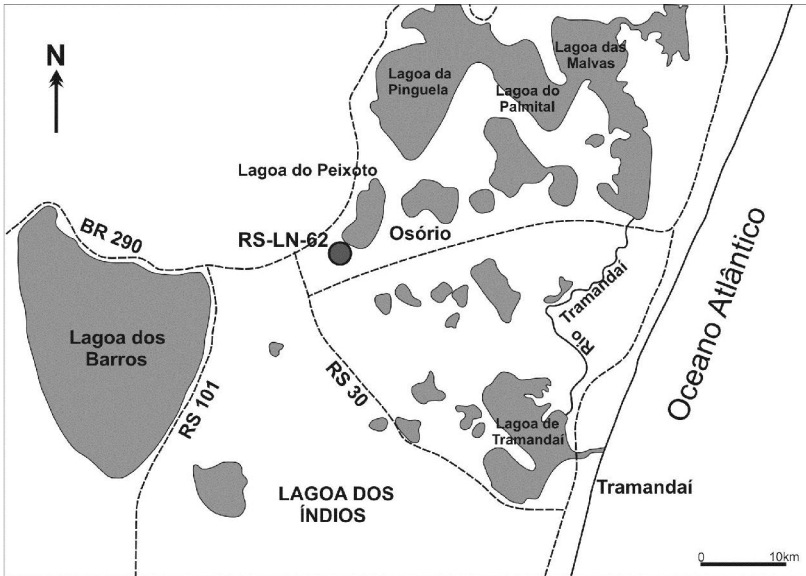


Figura 01

Localização do sítio RS-LN-62: Interlagos.
Mapa adaptado de Rogge (2004) por I. da S. Raupp.

1.2 A escavação

O concheiro media 77,60 m ao longo da lagoa, 42 m para o interior e quase 1 m de espessura. Por ocasião do trabalho

arqueológico, em janeiro de 1985, o terreno já havia sido loteado para a formação de um condomínio horizontal e as ruas tinham sido abertas. A escavação, sob a responsabilidade de Jussara Becker foi implantada no ponto mais alto e mais conservado do terreno.

Cinco quadrículas contíguas, de 4 m² cada uma, foram abertas à beira de uma rua transversal, no lote 840, de 21 x 42 m. A remoção dos sedimentos foi de 10 em 10 cm até dentro da areia branca. Na escavação, o material lítico e cerâmico foi todo recolhido, dos ossos e moluscos os mais conservados. Para diagnóstico da alimentação foi delimitada uma superfície de 50 x 50 cm, num canto das quadriculas 2, 3 e 4, onde foram coletados os resíduos alimentares retidos em peneira de malha fina (3 mm).

As camadas se compõem de sedimentos soltos, arenosos, cinzentos; com muitas conchas de moluscos, ossos de pequenos peixes, de mamíferos, de aves e de répteis; carvão, muitas pedras rachadas pelo calor do fogo, poucos instrumentos, alguns fragmentos de cerâmica. Na foto do perfil percebem-se aglomerados de conchas em pequenas depressões, ou em estrato e, no limite das camadas com a areia subjacente, uma série de pequenas covas, que poderiam ser lugares de fogo ou de preparação de alimentos.

Desde o primeiro até o último nível, segundo a arqueóloga, havia ossos humanos muito fragmentados, provenientes de sepultamentos mal conservados. De acordo com os relatórios de campo da arqueóloga, não foi possível perceber e reconstituir a estrutura dos sepultamentos ou a disposição em que o corpo teria sido depositado.

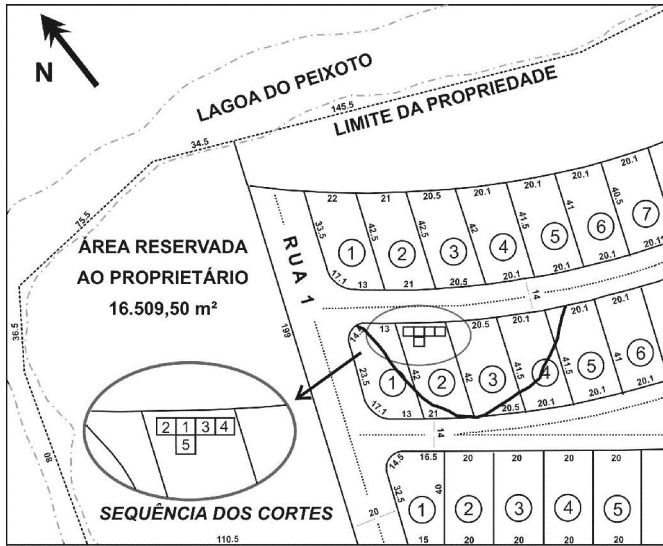


Figura 02

Localização do sítio RS-LN-62 e seqüência das quadrículas escavadas, dentro do loteamento do condomínio. Figura adaptada de relatório inédito de J.L.Becker por I. da S. Raupp



Figura 03

Perfil de uma das quadrículas escavadas. Foto: Jussara L. Becker

1.3 O material lítico e cerâmico das quadrículas

Classificamos os materiais líticos recuperados em: lascas, fragmentos com fraturas térmicas, núcleos, colunas de basalto, prismas e plaquetas cortantes, objetos com faces alisadas ou polidas, percutores, quebra-coquinhos, seixos inteiros.

Separamos os materiais por seus tamanhos e consideramos: até 2 cm, muito pequeno; de 2,1 a 5 cm, pequeno; de 5,1 a 7 cm, médio; de 7,1 a 10 cm, grande; acima disto é considerado muito grande.

A matéria prima básica é constituída por seixos de diferentes rochas, colunas e prismas de basalto, raramente de calcedônia e arenito, todos provenientes da encosta do planalto. Podia ser encontrada em áreas erodidas do colúvio da encosta e no leito de pequenos arroios. Apresentava-se em várias formas, como: seixos e pequenos blocos irregulares de basalto amidalóide; seixos arredondados ou colunas de basalto de constituição mais homogênea e córtex fino e liso, devido ao rolamento na água; prismas com arestas cortantes; pequenos blocos de basalto estratificado, ou de arenito Botucatu; drusas preenchidas de calcedônia, e eventuais cristais de quartzo.

A maior parte dos elementos líticos recuperados é de basalto amidalóide, com maior ou menor densidade segundo sua formação e origem. Ele era usado para lastrar as fogueiras, partindo-se pelo calor em fragmentos irregulares, cujo tamanho vai de menos de 2 a aproximadamente 10 cm.

Seixos de basalto, de composição mais uniforme, tiveram usos variados: alguns apresentam uma ou duas faces alisadas e teriam servido para esmagar, moer ou alisar materiais; outros apresentam pequena depressão polida em superfície alisada (quebra-coquinhos) e também podem apresentar marcas de percussão pontuais como suportes eventuais. Seixos de maior peso e consistência apresentam marcas regulares de golpes, muitas vezes em dois pólos, como percutores.

Finas colunas de basalto, com marcadas arestas nas faces e com os bordos afilados, eram usadas para cortar, resultando em bordos embotados ou com micro-lascamento. Há dois fragmentos que poderiam ser de lâminas de machado.

Não se percebe um trabalho regular de lascamento para produzir instrumentos. O pequeno número de lascas muito pequenas parece ter-se originado da acomodação periférica de seixos. As poucas lascas médias, produzidas a partir de blocos ou placas de matéria prima de cristalização regular, não apresentam modificação após o seu desprendimento do núcleo, nem marcas de uso. Embora existam ossos de mamíferos de tamanho médio, não se percebem, no material, armas destinadas a sua caça.

Na coleção não havia mais de 10 fragmentos cerâmicos. Eles são característicos da tradição Vieira: pasta consistente, o antiplástico é areia quartzosa e a construção por roletes; acabamento interno e externo das paredes é bom; queima redutora, de cor preta ou marrom escuro.

1.4 Os remanescentes faunísticos e florísticos

Foram analisados os vestígios alimentares recolhidos nas quadrículas 2, 3 e 4 e nas respectivas amostras totais recolhidas. Os materiais encontram-se bem conservados e mostram a variedade de animais e vegetais utilizados na alimentação. Eles foram separados em grandes categorias visando proporcionar uma base para avaliar a alimentação e o movimento do grupo (TABELAS 01, 02 e 03).

Dos moluscos acima listados, *Mesodesma mactroides* (marisco branco) e *Donax* sp (moçambique) são bivalves marinhos, comestíveis, que se criam nas águas rasas ou nas entre-marés da praia. *Erodona* sp é de águas salobras. Para sua apanha os acampados teriam de se deslocar 15 km, por terra ou por água.



Figura 04

Material lítico. 1, 2, 3, 4, 6, 9 = quebra-coquinhos; 5, 7, 8, 10 = lascas

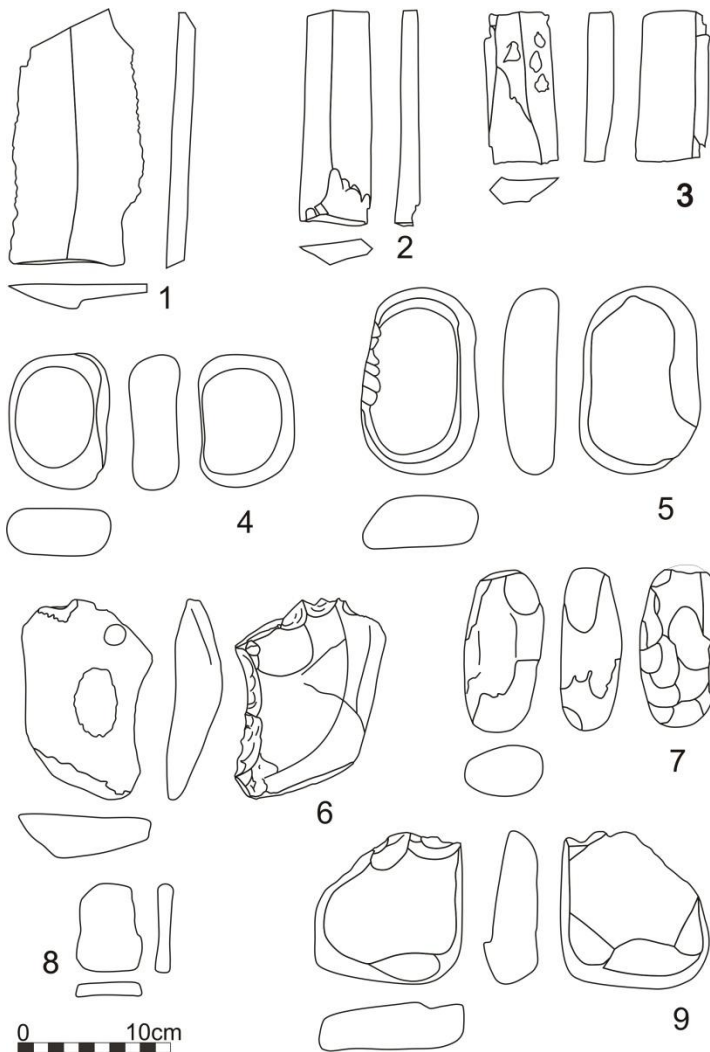


Figura 05

Material lítico. 1, 2, 3 = prismas cortantes; 4, 5 = seixos com superfícies alisadas; 6, 9 = talhadores; 7 = percutor; 8 plaqueta de arenito Botucatu alisada numa face

Onde acampar? O sítio arqueológico RS-LN-62: Interlagos em seu contexto regional histórico e ambiental

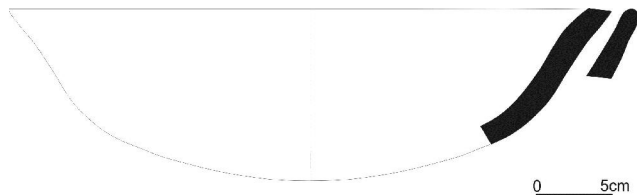


Figura 06

Forma estimada da cerâmica, a partir de um fragmento

CORTE 2	<i>Erodona</i> sp	<i>Mesodesma mactroides</i>	<i>Diplodon</i> sp	<i>Gastrópodes Grandes</i>	<i>Gastrópodes Pequenos</i>	Donax sp
Nível I	244 unid.	560 unid.	170 unid.	413 unid.	163 unid.	0
Nível II	373 unid.	990 unid.	447 unid.	483 frag., 6 inteiros	241 unid.	0
Nível III	181 unid.	591 unid.	1600 unid.	811 frag., 7 inteiros	317 unid.	0
Nível IV	138 unid.	372 unid.	907 unid.	700 frag., 7 inteiros	170 unid.	7

Tabela 01

Contagem da amostra total do corte 2, em unidades classificáveis

CORTE 3	<i>Erodona</i> sp	<i>Mesodesma mactroides</i>	<i>Diplodon</i> sp	<i>Gastrópodes Grandes</i>	<i>Gastrópodes Pequenos</i>	Donax sp
Nível I	150 unid.	346 unid.	501 unid.	216 unid.	125 unid.	0
Nível II	0	0	0	0	0	0
Nível III	124 unid.	246 unid.	352 unid.	0	74 unid.	0
Nível IV	59 unid.	161 unid.	273 unid.	3 unid.	51 unid.	2
Nível V	124 unid.	296 unid.	626 unid.	243 unid.	138 unid.	0
Nível VI	42 unid.	197 unid.	528 unid.	165 frag., 2 inteiros	79 unid.	1
Nível VII	12 unid.	26 unid.	48 unid.	20 unid.	5 unid.	0

Tabela 02

Contagem da amostra total do corte 3, em unidades classificáveis

CORTE 4	<i>Erodona</i> sp	<i>Mesodesma mactroides</i>	<i>Diplodon</i> sp	Gastrópodes Grandes	Gastrópodes Pequenos	Donax sp
Nível I	198 unid.	592 unid.	475 unid.	433 frag., 1 inteiro	0	0
Nível II	301 unid.	819 unid.	893 unid.	484 frag., 5 inteiros	141 unid.	0
Nível III	262 unid.	950 unid.	1027 unid.	948 frag., 3 inteiros	198 unid.	2
Nível IV	156 unid.	482 unid.	765 unid.	6 inteiros	93 unid.	0
Nível V	86 unid.	247 unid.	850 unid.	465 frag., 2 inteiros	101 unid.	1
Nível VI	49 unid.	147 unid.	257 unid.	174 frag.	47 unid.	0
Nível VII	41 unid.	94 unid.	35 unid.	67 frag., 1 inteiro	25 unid.	0

Tabela 03

Contagem da amostra total do corte 4, em unidades classificáveis

Diplodon sp é pequeno bivalve comestível, que podia ser encontrado nas lagoas próximas. Entre os gastrópodes comestíveis recolhidos estão o aruá-do-banhado (*Pomacea* sp) e o aruá-do-mato (*Megalobulimus* sp); este, que está disponível no período quente do ano, muitas vezes foi encontrado inteiro, deixando dúvidas sobre se foi recolhido como alimento ou morreu de morte natural, enterrado nas camadas férteis do sítio, então coberto de mato; são os que, na tabela, são indicados como inteiros. Os fragmentos das duas espécies, como são difíceis de separar com precisão, na tabela constam juntos, embora sejam de hábitat e origem distintos. Ainda existe certa quantidade de gastrópodes de terra, pequenos demais para servirem de alimento. Todos podiam ser recolhidos sem grandes deslocamentos.

Entre os remanescentes ósseos é possível reconhecer a presença de peixes, geralmente pequenos. Para conseguir alguma ideia de seu tamanho, podem ser usadas as 330 vértebras recuperadas na amostra total do nível 4 do corte 4: 90,90% medem

de 2 a 6 mm; 6,66% de 6 a 7 mm; 2,12% têm até 9 mm; 0,30% até 18 mm.

De roedores foram identificadas amostras de rato e de ratão-do-banhado; de répteis, tartaruga e lagarto; de aves, pequenas em geral; de gambá, de tatu, de veado, sem ainda termos condições de classificá-los em gênero e espécie e de quantificá-los; nunca são muitos. Todos eles podem ser encontrados com algum deslocamento.

Os remanescentes florísticos são representativos nas amostras totais, como indica a tabela 4, onde estão registrados coquinhos inteiros de jerivá, caroços conservados de outras frutas, e fragmentos não identificáveis. À primeira vista é possível reconhecer sementes carbonizadas de jerivá. Há outros caroços queimados que podem ser de plantas típicas da planície costeira. Segundo Bauermann, Behling e Macedo (2009) ao redor do tempo em que se instalou o sítio teria começado uma expansão e um adensamento da vegetação tanto da planície, como na encosta, passando a oferecer maior quantidade de frutas, em nichos diversificados (TABELA 04).

CORTE 2				
	A	B	C	TOTAL
Nível 1	-	76	-	76
Nível 2	4	677	10	691
Nível 3	8	26	23	57
Nível 4	12	594	26	632
TOTAL	24	1373	59	1456
CORTE 3				
Nível 1	2	246	-	248
Nível 2	-	-	-	-
Nível 3	5	290	-	295
Nível 4	7	233	-	240
Nível 5	-	-	11	11

Nível 6	-	337	47	384
Nível 7	-	23	-	23
TOTAL	14	1129	58	1201
CORTE 4				
Nível 1	-	-	-	-
Nível 2	-	429	-	429
Nível 3	-	937	-	937
Nível 4	Usados para datação			
Nível 5	2	353	12	367
Nível 6	-	19	6	25
Nível 7	-	147	5	152
TOTAL	2	1885	23	1910

A - Coquinhos de jerivá; B – Fragmentos; C - Outros caroços

Tabela 04

Caroços de frutos carbonizados das amostras totais

1.5 Caracterizando o assentamento

O sítio está numa área de recursos diversificados, distribuídos pelo mar, lagoas, banhados, mata de restinga e mata da encosta do planalto. O acampamento é estabelecido na borda ocidental de uma lagoa, na proximidade da terra firme, lugar a partir do qual os recursos próximos e distantes podiam ser acessados por terra ou por água, sem maiores empecilhos, e trazidos para o assentamento.

A matéria prima lítica estava disponível na encosta e em arroios que descem do planalto.

Nas lagoas próximas viviam peixes e pequenos moluscos, bem como tartarugas. Outros moluscos podiam ser encontrados em terra firme à sombra das árvores. Frutas estavam se multiplicando na mata de restinga em desenvolvimento e nos palmeirais da

planície arenosa. Nos banhados, campos e capões da planície havia mamíferos variados, répteis e aves. Eram recursos dispersos e pouco densos, de valor nutritivo muitas vezes reduzido, que precisavam ser reunidos e complementados percorrendo distâncias maiores para chegar à borda do oceano, onde havia moluscos nutritivos em maior quantidade, eventualmente peixes, aves e mamíferos maiores.

Abastecer o acampamento demandava conhecimento dos recursos, movimentação para apanhá-los e uma agenda para não perder a temporada em que estavam disponíveis. Assim, a partir de um acampamento estável, foi criado um abastecimento de largo espectro, baseado em elementos de valor nutritivo desigual, provenientes da água e da terra, da fauna e da flora. Todos juntos podiam proporcionar uma sobrevivência sem excedentes.

Os instrumentos necessários na apanha e preparação desses alimentos são poucos e simples, a maior parte se constituindo pelo simples uso de seixos, blocos e prismas naturais. Além de dois pequenos fragmentos, que podem ser de lâminas de machado, não se encontraram instrumentos produzidos em pedra, osso, ou concha. A própria cerâmica deixou poucos fragmentos, mostrando ser pouco necessária.

O espaço do assentamento é marcado por grande número de pedras quebradas pelo calor e camadas de cinza das fogueiras, que deveriam iluminar e aquecer a noite e tornar palatáveis os alimentos protéicos que, por isso, eram trazidos ao acampamento, mesmo de grandes distâncias. Mas não existe nenhum sinal de habitações, que seriam choças construídas com material perecível, abundantemente disponível no entorno.

Provavelmente os moradores eram poucos indivíduos, pertencentes a uma família extensa, ou uma formação social parecida. O sítio está isolado e o espaço ocupado é reduzido. A espessura do depósito indica que eles permaneceram no lugar durante certo tempo, ou voltaram a ele mais vezes.

Os restos de sementes indicam a presença do grupo na estação quente do ano. Ao apanhar moluscos no oceano eles poderiam ter encontrado animais típicos da estação fria, que ofereceriam complementação para seu magro alimento, mas não há nenhum indício nas camadas. A estação fria, além de poucos recursos, seria muito desagradável por causa da intensidade dos ventos e das chuvas. Assim podemos pensar num acampamento de estação quente do ano. Quantas vezes, ou por quanto tempo são perguntas impossíveis de responder.

2. O sítio RS-LC-96³

O sítio está no município de Palmares do Sul, RS, nas coordenadas de 30º 22' 8,40" S e 50º 28' 41,40" W. Apresenta-se como um cerrito, com três pequenas elevações contíguas, de um metro de altura sobre um grande campo úmido e alagadiço, transformado em lavoura arroz. Estava junto a Lagoa do Leão, que foi drenada para o plantio. O sítio encontra-se isolado no interior, 24 km distante da praia. Junto a este, num cordão de lagoas, existem diversos pequenos concheiros, alguns antigos, a maior parte recentes, com elementos de cerâmica Tupiguarani e Taquara.

Em momentos diferentes, foram escavadas 5 quadrículas de 4 m², em níveis de 10 cm, peneirando os sedimentos em malha de 3 e 5 mm, do que resultou grande quantidade de restos faunísticos, usados para nosso estudo comparativo. O perfil estratigráfico compõe-se de uma camada superficial areno-argilosa escura, bastante compacta, que é seguida por uma camada mais espessa, também areno-argilosa, menos compacta, de cor preta, na qual foram encontradas estruturas de combustão, contendo carvão, cinzas e ossos calcinados, além de fossas culinárias, com abundantes restos ósseos de peixes, cervídeos e moluscos terrestres. A base do sítio está a 70 cm de profundidade, sobre

³ Maiores informações sobre o sítio em Rogge (2006) e Rosa (2006).

pequena elevação natural de areia branca e solta, isolada em meio à grande extensão de terreno plano e alagadiço.

Caracteriza-se como um assentamento multicomponencial, com uma primeira ocupação pré-cerâmica, datada em 1.760 ± 60 anos AP (Beta 206106). Em superfície foram coletados 48 fragmentos de cerâmica da tradição Tupiguarani e, em uma área periférica do sítio, em duas quadrículas contíguas com cerca de 8 m^2 , a 10 cm de profundidade foi localizada uma lente de 10 a 15 cm de espessura do molusco *Mesodesma mactroides* (marisco-branco), proveniente de um acampamento da tradição Taquara.

Como referência temporal para a ocupação ceramista Tupiguarani+Taquara da área podem servir duas ocupações junto ao cordão de lagoas: RS-LC-80, com data de 280 ± 50 anos A.P. (Beta 202366) e RS-LC-82, com data de 563 ± 45 anos AP (LVD 665). Como referência temporal para a ocupação pré-cerâmica, duas outras ocupações junto às lagoas: RS-LC-82, datado em 1900 ± 40 anos AP (Beta 206105) e RS-LC-97, datado em 2.170 ± 70 (Beta 200073).

Para entender a especificidade do assentamento foram estudados os restos faunísticos dos cortes 1 e 2, realizados em 1996. A amostra analisada totaliza 6.018 espécimes ósseos identificáveis e 668 restos identificáveis de moluscos.

Do total dos remanescentes ósseos, 4.608 (76,7%) pertencem à classe Mamíferos (onde 73,35% são de *Blastocerus dichotomus*); 150 (2,4%) à classe Aves; 67 (1,1%) à classe Répteis; 46 (0,7%) à classe Anfíbios; 1.130 (18,8%) à classe Peixes Ósseos; e 2 (0,03%) à classe Peixes Cartilaginosos⁴.

Como entender o assentamento? Ele foi localizado sobre pequena elevação no meio de um grande campo alagadiço, no qual deveria ser abundante o veado-campeiro. Com ele se poderia formar a base de um sistema alimentar. Porém, a caça de uma só espécie é sempre insegura e poderia levar rapidamente à extinção

⁴ Para maiores informações sobre as espécies identificadas na análise, ver Rosa (2006).

do recurso. Era necessário completa-lá com outras proteínas. O peixe de lagoas e banhados teria certa importância. Mas talvez todos estes bens ainda não fossem considerados suficientes para um equilíbrio alimentar e um abastecimento regular, levando o grupo a se deslocar até a praia do oceano, 24 km a leste do acampamento, para recolher mariscos. A mata de restinga junto às lagoas e os bosques de coqueiros em terrenos mais drenados ainda não existiam, segundo Bauermann, Behling e Macedo (2009), e seus frutos, não aparecem na escavação.

A ocupação do sítio é de caçadores pré-cerâmicos. Muitos séculos depois um pequeno grupo de pessoas da tradição cerâmica Taquara aí acampou, certamente ainda caçando veados, mas principalmente trazendo para o acampamento mariscos apanhados no mar distante. Finalmente encontramos aí um acampamento de horticultores guaranis.

São três assentamentos diferentes, não só cultural e cronologicamente, mas também em termos de ocupação do espaço e fruição do ambiente. Nenhuma dessas ocupações é isolada: junto ao cordão de lagoas, distante 17 km a leste do RS-LC-96 e 7 km da praia, existem mais assentamentos de todos estes grupos. Os acampados no espaço alagadiço certamente faziam parte desse mesmo processo de exploração. A caça do veado-campeiro na planície pantanosa seria importante para todos os grupos. Ele podia ser caçado acampando no meio de seu hábitat, como nas ocupações referidas, ou incursionando nele esporadicamente a partir de assentamentos estabelecidos à beira do cordão de lagoas litorâneas.

Em nenhuma das situações estudadas o assentamento comportaria muita gente, talvez uma família estendida, ou um grupo de homens; nem muito tempo, talvez uma temporada.

3. O sítio RS-RG-49⁵

O sítio se localiza no lugar chamado Barra Falsa, município de Rio Grande, RS. É um sítio grande e denso, medindo 90 x 120 m, seu ponto mais alto se eleva 2 m sobre o campo circundante. Hoje, dista 500 m da lagoa dos Patos; na sua origem as águas da lagoa eram mais altas e o assentamento estaria junto delas.

A vegetação do entorno combina, hoje, campos-limpos, floresta subtropical e floresta de restinga, com suas respectivas faunas. Segundo Bauermann, Behling e Macedo (2009) a floresta subtropical e a floresta de restinga teriam seu desenvolvimento séculos depois do início do sítio e o entorno seria mais descampado; em terrenos mais drenados deveria haver bosques de coqueiros, cujos frutos carbonizados aparecem em grande abundância nas camadas do sítio. A referência básica para estabelecer o acampamento eram as águas da lagoa dos Patos, na qual sazonalmente entram grandes cardumes de peixes e crustáceos marinhos, além de nela residirem importantes peixes de água doce.

Nossa amostra provém de um corte de 2 x 1,5 m, em níveis artificiais de 20 cm, até 145 cm de profundidade, onde começa a areia branca da planície sedimentar.

Nos primeiros 20 cm foram recuperados 280 fragmentos cerâmicos da tradição Vieira e 2 da tradição Tupiguarani; no nível de 20-40 cm ainda existiam mais 14 fragmentos da tradição Vieira. Os demais níveis, até a profundidade de 145 cm, são pré-cerâmicos. Na profundidade de 35-50 cm foi conseguida uma data de C¹⁴ de 2.020 ± 50 anos AP (SI-1008), que está na transição entre o pré-cerâmico e o início da tradição cerâmica Vieira.

Os remanescentes alimentares são formados 99% por peixes. Foram recolhidos milhares de otólitos de peixes nos níveis.

⁵ Maiores informações sobre o sítio em Schmitz (2011 [1976]) e Silva; Löf; Schmitz (2006).

Também foram recolhidos no nível 3 (de 40 a 60 cm) aproximadamente 90.000 vértebras de peixes e no nível 5 (de 80 a 100 cm) aproximadamente 60.000.

Os restos de Bagres (Ariidae) e corvinas (*Micropogonias furnieri*) perfazem mais de 95% dos peixes identificados. Miraguaia (*Pogonias chromis*) representa menos de 2%. Tainha (*Mugil* sp) aproximadamente 0,5%. Entre os de procedência marinha registramos ainda o peixe espada (*Trichiurus lepturus*). Entre os de água doce tem pequena representação o jundiá (cf. *Rhamdia* sp) e a traíra (*Hoplias malabaricus*).

Os crustáceos estão representados por algumas centenas de indivíduos de siri azul (*Calinectes* sp). De moluscos foram recuperados uns poucos exemplares de bivalves e de gastrópodes. Os gêneros e espécies de outras classes de animais como os répteis, as aves e mamíferos são pouco representativos nas amostras.

Da coleta vegetal sobraram, em cada um dos níveis de escavação, muitas dezenas de milhares de fragmentos de coquinhos calcinados, predominantemente da palmeira jerivá (*Syagrus romanzoffiana*).

Como entender o assentamento? O grupo se assenta no local em que os recursos são mais abundantes, isso é, na borda da lagoa, onde apanham sistematicamente os peixes que nela entram na estação quente do ano, fazendo deles sua provisão básica. Os crustáceos, que acompanham a entrada dos peixes, não interessam ou não há bons meios de apanhá-los. Outros animais do entorno, caçados esporadicamente e trazidos para o acampamento, oferecem variação protéica, além de fornecerem peles, ossos e dentes, de muita utilidade. É o fruto das palmeiras, disponível em grandes bosques nos terrenos mais altos e drenados, que diversifica e equilibra a alimentação.

Os indicadores estacionais testemunham a presença do homem no período quente do ano, da primavera ao verão, quando os peixes migratórios estão na lagoa e os coquinhos de jerivá estão maduros. Não há indicadores para as estações frias do ano.

O sítio é uma grande lixeira com poucos sepultamentos e estruturas definidas, a não ser os estratos de ossos de peixes e de coquinhos calcinados. Ele pode ser o resultado de um número maior de pessoas e de frequentes voltas ao mesmo lugar, visto que os recursos, na estação quente do ano, são praticamente inesgotáveis.

4. O sítio RS-RG-48⁶

O sítio está localizado na Barra Falsa, município de Rio Grande, RS. Mede 32 x 26 m e 1,2 de altura. Está na baixa planície aluvial, formada no recuo holocênico recente da Lagoa dos Patos, da qual dista 3 km; a 1,5 km está o canal que liga a lagoa dos Patos à lagoa Mirim, antigamente um bolsão da lagoa que chegava até o assentamento.

O sítio caracteriza-se por estratos escuros, areno-argilosos, com grande quantidade de restos de alimentos de origem animal e muita cerâmica. Ele está datado de 1.335 ± 45 anos AP (SI-1007).

Foram realizados três cortes de 1,5 x 2,0 m, em níveis artificiais de 20 cm, ao longo de uma linha que se estendia da borda ao topo. Nos três cortes foram recuperados 3.424 fragmentos cerâmicos da tradição Vieira.

Os remanescentes de alimentação são abundantes, onde temos: peixes (mais de 55%) de diversas espécies e crustáceos (mais de 35%) em abundância, com predomínio do siri azul (*Callinectes danae*); em menor número aparecem moluscos gastrópodes e bivalves, répteis, aves e mamíferos. Entre os mamíferos foram identificadas espécies ligadas a áreas úmidas e pantanosas, aos campos e a ambientes mais vegetados.

Como entender o assentamento? O sítio está na borda da lagoa e o abastecimento está claramente voltado para os recursos da água, onde estão grandes peixes e incontáveis crustáceos. Os peixes e os crustáceos possibilitam um abastecimento inesgotável,

⁶ Maiores informações sobre o sítio em Oliveira (2006) e Schmitz (2011).

de boa qualidade nutricional, numa rotina diária sem necessidade de grandes percursos, porque os animais do mar vêm até ele pelas águas da lagoa. Em menor escala ele explora os campos, os banhados e os bosques do entorno, que lhe fornecem, além de novas proteínas, também peles, ossos, dentes e a caça, como alternativa para a rotina da pesca. Nas matas de palmeiras ele encontra frutos de polpa doce e amêndoa nutritiva; seus restos carbonizados formam densos estratos no sítio. Também a mata de restinga deveria estar em expansão (BAUERMANN, BEHLING e MACEDO, 2009), oferecendo outras frutas.

O maior aproveitamento dos crustáceos pode estar ligado ao uso de redes de pesca, onde o siri se enrosca, ou ao uso da cerâmica, facilitando o seu cozimento.

O tamanho do sítio e a quantidade de material sugerem uma população correspondente a um grupo familiar estendido. A quantidade de cerâmica testemunha ocupação intensa e continuada. A pergunta que fica é se esta ocupação é anual ou apenas do período quente do ano.

O crescimento de pântanos no entorno do sítio com o recuo das águas da lagoa parece ter sido a causa de seu abandono.

Conclusão: os acampamentos

O sítio abordado, RS-LN-62, assim como os sítios utilizados como base de comparação, são de grupos que estabelecem um acampamento no qual vivem e para o qual trazem os bens que apanham num entorno mais ou menos extenso.

Os bens buscados são de natureza múltipla: matérias-primas para construção de choupanas e fabricação de instrumentos, combustível para as fogueiras, materiais para vestir e se adornar e, mais que tudo, alimentos.

Estes bens costumam estar espalhados, de maneira desigual, por um espaço não limitado, onde alguns formam conglomerados abundantes, outros estão dispersos em pequenas

quantidades. Sua importância para o homem também não é uniforme: uns são necessários para a sobrevivência, outros constituem bons complementos, outros ainda poderiam ser dispensados. A disponibilidade de cada um desses bens pode ser permanente, periódica, anual, sazonal ou esporádica.

Quando um grupo pescador, caçador e coletor, como os que examinamos, procura um território para continuar vivendo, avalia os bens disponíveis para sua apropriação. Esta pode ser a do 'coletor', que se estabelece em lugar favorável do qual tem acesso a um conjunto deles, ou a do 'forrageiro', que circula pelo território e acampa junto aos bens momentaneamente explorados. De acordo com as disponibilidades sazonais do ano, a mesma sociedade pode desenvolver numa estação a estratégia de 'coletor', em outra a de 'forrageiro'; no mesmo território, mais frequentemente em outro, em que novos recursos com diferente disponibilidade e distribuição se tornaram disponíveis.

Trazer os bens para um acampamento estável pode representar a necessidade de prepará-los para o consumo, ou criar reservas que garantam sua continuidade. Mas é também a forma de socializá-los, repartindo-os com os que não participaram daquela aquisição. Pode indicar, ainda, que a comunidade acampada faz parte de uma sociedade mais complexa do que a primeira visão sugere.

Examinamos quatro casos. São acampamentos caracterizados como de 'coletor'.

Em Interlagos (RS-LN-62) os recursos estão dispersos, sem um lugar em que estejam especialmente densos. O acampamento foi estabelecido num ponto estratégico, na beira de uma lagoa, donde facilmente poderia acessar a todos individual e sucessivamente. Os elementos vegetais sugerem ocupação no período quente do ano.

No Capão do Leão (RS-LC-96) havia um campo alagadiço com densidade de veado-campeiro, que distava bastante do assentamento tradicional na beira do cordão de lagoas litorâneas. O

veado poderia ser caçado em expedições esporádicas a partir desses assentamentos, mas um acampamento no hábitat dos animais traria vantagens de volume, de facilidade e de exclusividade. Mesmo assim, para uma alimentação adequada, era preciso incorporar outra caça, inclusive a coleta de moluscos no distante oceano. Não temos claros indicadores de sazonalidade.

Junto à margem ocidental da lagoa dos Patos examinamos duas situações em que a pesca de peixes marinhos sazonalmente presentes na lagoa permite transformá-la no sustento básico do grupo e o acampamento pode ser estabelecido junto da água, na borda da lagoa. No sítio RS-RG-49, que é pré-cerâmico, o peixe forma 95% dos restos alimentares recuperados, sendo complementado pela coleta de frutas de coqueiros e, em menor escala, por outras caças. No sítio RS-RG-48, densamente cerâmico, o peixe é grandemente complementado pelos crustáceos da lagoa, em menor escala que no anterior pelo coquinho de jerivá e outras caças. Os indicadores de sazonalidade são claramente do período quente do ano. A razão da diferença entre os dois assentamentos parece residir em determinados aspectos tecnológicos como a presença, em RS-RG-48, de cerâmica que facilitaria a preparação e consumo dos crustáceos e o uso de redes pra pesca, que resultaria em um maior volume de crustáceos capturados (SILVA, LÖF & SCHMITZ, 2006; OLIVEIRA, 2006).

Os artefatos líticos são muito simples em todos os sítios, mais destinados à transformação dos produtos trazidos do que à sua apanha e, com isso, eles se aproximam dos pescadores dos sambaquis e se afastam dos caçadores da tradição Umbu. Os instrumentos em osso se restringem a algumas pontas que poderiam ser usadas na pesca e na caça, o que os aproxima dos pescadores dos sambaquis. A respeito do uso de cestos, esteiras e redes, temos pouca informação; apenas algumas impressões de trançado em cerâmica Vieira, de período tardio. A invenção, aperfeiçoamento e multiplicação de cerâmica utilitária permitiram a esse pescador, coletor e caçador de beira de lagoa, manejo mais

Onde acampar? O sítio arqueológico RS-LN-62: Interlagos em seu contexto regional histórico e ambiental

adequado de alguns recursos, possibilitando, ou até solicitando, maior permanência no lugar, mas sem interferir no grande esquema de apropriação; a cerâmica o distingue dos pescadores dos sambaquis e dos caçadores da tradição Umbu.

A pequena presença de sepultamentos humanos, nesses sítios, também reforça a sazonalidade dos assentamentos. Tanto os peixes como as frutas dos sítios RS-LN-62, RS-RG-49 e RS-RG-48 atestam, claramente, a ocupação no período quente do ano, sem claros indicadores para a estação fria. Assim podemos dizer que, nessa estação, ele tem comportamento de ‘coletor’. Onde estaria, como se organizaria e o que faria no período da chuva, da enchente e dos fortes ventos do litoral no período frio do ano, fica sem definir. Para o sítio RS-LC-96 nossos indicadores de sazonalidade são menos claros deixando sua caracterização, sob este aspecto, indefinida. O desenvolvimento relativamente tardio da mata de restinga, com a sua variedade de frutas, tornam mais difíceis a caracterização sazonal dos sítios anteriores a seu aparecimento.

Referências bibliográficas

- BAUERMANN, S.G.; BEHLING, H. & MACEDO, R.B. “Biomass regionais e evolução da paisagem no Rio Grande do Sul com base em paleopolinologia”. In: RIBEIRO, A.M.; BAUERMANN, S.G. & SCHERER, C.S. (org.): *Quaternário do Rio Grande do Sul, Integrando conhecimentos*. Porto Alegre, SBP, 2009, p.81-94.
- BECKER, Jussara Louzada. *O homem pré-histórico no Litoral Norte, RS, Brasil, de Torres a Tramandaí*. Volume 3. Torres: Gráfica e editora TC, 2008.
- BINFORD, L. “Willow smoke and dog’s tails: hunter-gatherer settlement systems and archaeological site formation”. *American Antiquity* 45 (1). Washington D.C.: Society of American Archeology, 1980. p. 4-20.
- FORSBERG, Lars L. *Site Variability and Settlement Patterns*. Umea: University of Umea, Department of Archaeology, Archaeology and Environment, n. 5, 1985. (PhD. Thesis).
- KELLY, Robert L. *The Foraging Spectrum. Diversity in Hunter-Gatherer Lifeways*. Washington D.C.: Smithsonian Institution Press, 1995.
- OLIVEIRA, K. “O sítio de pesca lacustre RS-RG-48”. In: SCHMITZ, P. I. (Coord.) *A Ocupação pré-histórica do Litoral Meridional do Brasil*. São Leopoldo: Pesquisas, Antropologia 63, 2006. p. 307-336.
- RAUPP, Ismael da Silva; SCHMITZ, P. I. “Um assentamento da Tradição Vieira no litoral norte do Rio Grande do Sul”. *Livro de Resumos do 1º Congresso Internacional de Arqueología de la Cuenca del Plata*, 2011. p. 251-252.
- ROGGE, J.H. “Os sítios arqueológicos estudados no Litoral Central”. In: SCHMITZ, P. I. (Coord.) *A Ocupação pré-histórica do Litoral Meridional do Brasil*. São Leopoldo: Pesquisas, Antropologia 63, 2006. p. 133-177.

Onde acampar? O sítio arqueológico RS-LN-62: Interlagos em seu contexto regional histórico e ambiental

- ROSA, A.O. “Caçadores de cervídeos no Litoral Central: o sítio RS-LC-96”. In: SCHMITZ, P. I. (Coord.) *A Ocupação pré-histórica do Litoral Meridional do Brasil*. São Leopoldo: Pesquisas, Antropologia 63, 2006. p. 223-248.
- SCHMITZ, P. I. *Sítios de Pesca Lacustre em RS, Brasil*. Erechim: Habilis - Coleção Clássicos da Arqueologia, 2011.
- SILVA, G.O.S. da, LOF, A.M. & SCHMITZ, P.I. SCHMITZ, P. I. “O sítio de pesca lacustre RS-RG-49”. In: SCHMITZ, P. I. (Coord.) *A Ocupação pré-histórica do Litoral Meridional do Brasil*. São Leopoldo: Pesquisas, Antropologia 63, 2006. p. 337-339.

Recebido em: 16/07/2013

Aprovado em:11/08/2013

Publicado em: 04/10/2013

